

Agora, os juros 'só podem cair'

O presidente em exercício e diretor da área bancária do Banco Central, José Luiz Silveira Miranda, disse ontem que "não há razão para os juros subirem". Ao contrário da opinião da véspera do presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Roberto Konder Bornhausen, Silveira Miranda afirmou que, "do patamar atual, os juros só podem cair". Reiterou que, no momento, o Banco Central projeta inflação de 9,5% para este mês e que o open está tranquilo, já que "o pessoal se habituou a operar com taxas de overnight ao nível efetivo da inflação projetada".

Segundo o diretor do Banco Central, o mercado "está ajustado e comprando bem", a ponto de a autoridade monetária já ter garantido a sub locação de Cr\$ 2,7 trilhões de títulos públicos para o resgate de papéis com vencimento em novembro. Para o próximo mês, o resgate de papéis deve ficar bem abaixo de Cr\$ 2 trilhões, o que dá, conforme Silveira Miranda, tranquilidade para a rolagem da dívida interna.

Sem a pressão dos papéis do governo, o aumento da demanda de crédito do final do ano não deve provocar alta dos juros do mercado, na opinião do diretor. Argumentou que o impacto da elevação de 10% a 22% do recolhimento compulsório sobre os depósitos a prazo já foi superado: "Os bancos, os fundos de pensão, os fundos de renda fixa e as seguradoras já estão enquadrados nos novos níveis de aplicações compulsórias em títulos públicos, determinados pelo Conselho Monetário Nacional em setembro".

Como exemplo da tranquilidade do mercado, Silveira Miranda informou que o Banco Central não tem nenhuma colocação especial a ser levada ao 15º Congresso Nacional dos Bancos, na próxima semana, em Salvador. Explicou que participará da abertura, na próxima segunda-feira, e do fechamento do Congresso, no dia 23, "apenas para ouvir, colher as impressões dos banqueiros e analisar as teses".

Também não antecipou nenhuma medida mais forte para a

reunião da próxima terça-feira do Conselho Monetário, a não ser a aprovação das conclusões dos grupos de trabalho para a implementação do reordenamento dos fluxos de caixa e das contas do Tesouro Nacional, Banco Central e Banco do Brasil, indevidamente qualificado de reforma bancária. Parte desse reordenamento entrará mesmo em vigor no próximo ano, inclusive com a substituição do tradicional orçamento monetário pela programação financeira do Banco Central. Ficou ainda para dezembro o aumento do limite de venda de dólares no câmbio oficial aos turistas que viajam para o Exterior.

Silveira Miranda esclareceu que não está nas cogitações do Banco Central a regulamentação do sistema nacional de compensação eletrônica. Por enquanto, o Banco Central apenas acompanha os sistemas de transferência eletrônica de fundos do Banco do Brasil, Bradesco, Itaú e outros bancos: "Até agora, nem os bancos têm idéia formada sobre os resultados dos respectivos sistemas".